

PRESENÇA NEGRA NOS FLUXOS MIGRATÓRIOS CEARENSES (1877-1884)

Ênio José da Costa Brito*

Resumo:

Barboza em sua tese, a partir de material da época e de alguns conceitos tais como *indesejáveis*, *zonas de contato etc* e de algumas realidades como o retirante, a seca e a busca por trabalho, busca aprofundar a compreensão da presença dos negros e em especial, dos escravos, num fluxo migratório no último quartel do Século XIX, no contexto brasileiro.

Palavras-chaves: História do Brasil: migrações internas; retirantes escravos.

Abstract:

Barboza in his doctoral thesis, using printing information from the XIX century, some concepts as *undesirables*, *points of contact* and so on and some social realities as migrant typical of the Brazilian northwest, drought and looking for job, has in mind to deep the insight of the negroes presence in this human movement and in this realm mainly the slaves. The backdrop is, of course, the migratory flow in the late XIX century in the Brazilian context.

Key Words: Brazilian history: migrations; Slaves migrants.

A diversidade cultural, étnica e religiosa tem uma longa história no país, Edson Holanda Lima Barboza, em sua tese de Doutorado em História Social,¹ intitulada *A hidra cearense. Rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)*, oferece aos seus leitores dados importantes para enriquecer a compreensão deste fenômeno.

Esta breve resenha está organizada em dois momentos, no primeiro explicitar-se-ão os pressupostos necessários para uma boa recepção da tese, no segundo, revisitaremos os quatro capítulos, dando conta da recepção de cada um, tecendo observações, realizando pontuações, quando necessário e apontando alguns tópicos para a reflexão.

Dos pressupostos

Ter presente que, Barboza acolhe diversos desafios, facilita a compreensão das nuances do seu trabalho de pesquisa. Um dos primeiros, o de mapear e compreender o percurso do *fazer-se migrante*, para tanto :

... buscamos rastrear pegadas deixadas pelos sujeitos envolvidos nestes capítulos importantes da história social das migrações entre o Ceará e a Amazônia, especificamente do período que vai dos anos 1870 e 1889, quando a seca no sertão e a extração da borracha no vale Amazônico consolidaram o divórcio entre nortistas, vulgarizando as representações de duas regiões distintas: o Nordeste e a Amazônia (p.24).²

O autor acolhe e trabalha um risoma de desafios para garantir a visibilidade da ação dos debaixo, atribuir visibilidade às ações de recusa e rebeldias praticadas pelos retirantes (p. 25). Pode-se lembrar os desafios de reconstruir a subjetividade de sujeitos anulados e silenciados, de levar em conta a alteridade de grupos locais, de constatar a existência da colonialidade do poder e do saber e de perceber como setores *indesejáveis* da população resistiram às múltiplas tentativas de enquadramento. Nas palavras do autor:

Fica [ainda] o desafio de perceber como estas elites locais justificaram e se perceberam neste processo de integração econômica e cultural a projeto globais, ao novo momento do capital e dos discursos, representações e práticas que produziram no afã de manter sob controle setores indesejáveis da população ; como resistiram às tentativas de enquadramento (p.34).

Entre os pressupostos da tese, destacamos: a necessidade de superar a visão histórica linear que deita raízes na Modernidade, visão que nega a grupos historicamente subalternizados, o direito de enunciar a sua percepção da história e sua própria história. Necessidade de se ter presente as interações sociais e culturais que propiciam o encontro/confronto de modos de vida, o que nos ajuda a entender a importância dada pelo autor as categorias *Zonas de Contato*³ e *Transculturação*,⁴ verdadeiras mantras analíticas ressoando ao longo do texto. *As colônias agrícolas, as novas entradas de seringa, os recrutamentos para forças policiais e frentes de trabalho em áreas urbanas expandiam zonas de contato em que mais uma vez, encontramos alianças, hibridismos entre as figuras do retirante e do negro fujão em trânsito...*(p.195).

Necessidade de se construir uma nova memória histórica capaz de romper com a negação da presença negra, com o sistemático silêncio de sua presença entre os *retirantes*, isto é, construir uma memória histórica que dê visibilidade a *grupos sociais inteiros*; necessidade de superar uma visão estigmatizada para investigar a composição étnica da população cearense, de onde partiu a população classificada como *retirante*. Enfim,

necessidade de novas abordagens interpretativas capazes de dar conta da especificidade e da diversidade de áreas culturais e de apreender melhor a historicidade de culturas dispersas por deslocamentos compulsórios.

Importante lembrar alguns fatos que se fazem presentes implícita ou explicitamente na tese. O primeiro deles é a *seca*, fenômeno social gerador de uma ampla vulnerabilidade entre os habitantes da região, poder-se-ia dizer que é um fato quase estrutural. O autor preocupado com êxodo, acaba realçando pouco o fenômeno, sem contudo negá-lo. A seca geradora de um *processo migratório*, quase permanente, processo revelador das opções encontradas pelas pessoas para sair de uma situação de extrema vulnerabilidade, não só na seca, mas principalmente na seca. Por ocuparem uma área inóspita os habitantes ao longo do tempo criaram uma certa *cultura migratória*. O que explica os constantes fluxos migratórios ao longo da história.

O *trabalho*, fato presente antes e durante a seca nos ajuda na compreensão das práticas dessas populações. Trabalho antes voltado para a existência, para atender a economia familiar, experiência que está na base da contestação ao trabalho imposto no período das secas, este de caráter provisório e disciplinador.⁵

Aspectos desta cultura política de contestação em formação entre os

retirantes e a multiplicidade de identidades, sujeitos e solidariedades desde seu ponto de partida- a Província do Ceará-, apontamos , ainda, o impacto das crises associadas às secas em relação ao escravismo, a liquidação de escravizados explorados pelo tráfico interno, em perder de vista protagonismos de negros e negras fujões na luta pelo controle de seus destinos. Negros fujões e retirantes mestiços formam as conexões inter-raciais e interclassistas em análise (p.57)

Da recepção

Barbosa considera os capítulos da tese, como atos. O primeiro ato intitula-se, *A hidra retirante: migrantes e escravos na diáspora cearense* (p.41-84). Apresenta minuciosamente as condições ambientais e sociais responsáveis pela dispersão ocorrida na região. A seca é vista como um fenômeno social, foi pouco explorada pelo autor, como já observamos. O objetivo do capítulo de atribuir visibilidade às ações praticadas por retirantes pobres, possibilita chamar atenção para as ações transgressoras realizadas pelos retirantes e principalmente para a diversidade étnica e social dos migrantes.

Para respaldar a análise recorreu a fontes jornalísticas, cuidando de contextualizá-las ideologicamente, e a textos literários. O resultado da

pesquisa e das análises contribuiu para explicar a dispersão de parcela considerável dos habitantes da Província do Ceará, dando corpo às expressões empregadas: diáspora cearense e hidra retirante. *Em diálogo com as obras de Peter Linebaugh e Flávio Gomes utilizamos a metáfora da hidra, uma vez as ações das multidões, que governantes tentaram neutralizar no Ceará, ressurgiram no Piauí, Maranhão, Pará ou Amazonas* (p.57).⁶

Um personagem se faz presente neste capítulo, Francisco José do Nascimento, o *Dragão do Mar*, ele retorna mais tarde (p.213). Caberia uma informação sobre as pesquisas que vem sendo realizadas para dar o devido lugar ao personagem na história do Ceará.

Da Ibiapaba ao Gurupi: rotas de migração e fuga em direção ao Piauí e Maranhão (p.85-127) é o título do segundo ato. Neste o autor, procura seguir os rastros deixados por homens e mulheres entre o Ceará e as Províncias do Piauí e Maranhão. A intenção está clara: desvelar as alianças tecidas ao longo das estradas, autênticas *zonas de contato* e chamar; mostrar a preocupação permanente por parte das mais diversas autoridades com esses deslocamentos e chamar atenção para o projeto em curso de extermínio de corpos indesejáveis. *A Guerra do Paraguai foi um dos mecanismos utilizados desde o Império, visando a eliminar a escravidão sem garantir a inserção dos negros à nova ordem, representando uma das primeiras expressões de extermínio de corpos indesejáveis* (p.97).

O capítulo toca em questões significativas no âmbito dos estudos diaspóricos, como: a importância de se superar uma leitura linear da história; a efetividade de retirantes e escravizados presente: na profusão de quilombos (p.103) e nas inúmeras táticas de resistência (p.125) e no protagonismo das mulheres escravas, como a pequena Teodora ou Francisca. Nas palavras do autor: *mulheres escravizadas em ação deslegitimando visões de que em sociedades patriarcais, paternalistas ou tradicionais às mulheres sempre caberia o papel passivo e de inércia* (p.127).

Nos dois primeiros capítulos, inúmeras referências foram feitas ao tráfico interprovincial :

Os jornais da Capital anunciam interesses de comerciantes em adquirir novas “peças” em pleno período de seca. A negociação provavelmente estaria voltada ao tráfico interno: ‘Escravos, compra-se no hotel e paga-se por mais que qualquer comprador’ ou ainda ‘José Martins Teixeira &C^a, para encomenda comprão escravos sadios e de boa figura e pagão bem’ (p. 98).

A título de informação para os futuros leitores, pode-se indicar o livro publicado recentemente de José Flávio Motta, *Escravos daqui, dali e de mais além. O tráfico interno de cativos na expansão cafeeira paulista*. Na segunda metade do século XIX, o tráfico interno ganhou novas dimensões.

O livro ilumina essa *outra travessia*, ao desvelar a dinâmica de funcionamento demográfico e econômico dos negócios negreiros.⁷

Ao apontar as ricas possibilidades e desafios da década de 1870, para o Maranhão e o Pará, faz alusão à guerra civil norte-americana (p.102). Para facilitar o leitor, pode antecipar a nota 67 (p.153), na qual comenta o sugestivo livro de Gerard Horne, *O sul mais distante, o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos* e corrige a afirmação de Horne de que só a colônia de Americana teria dado certo, pontua que Santarem no Pará também deu certo.⁸

Ao pensar na formação sócio cultural do Piauí, algumas questões brotam naturalmente: que contribuição deu a população de matriz africana ou como identificar traços desta contribuição, hoje? Pode-se falar de africanização da população do Piauí? Questões ainda atuais, pois, tem-se poucos estudos sobre a diáspora no Piauí e por muito tempo na historiografia se insistiu na rala presença escrava na região.

Enfim, revisões de relatos de viajantes, da obra de folcloristas, a incorporação da literatura popular e da tradição oral como fontes de pesquisa fornecem argumentos para superar as representações que silenciaram a presença africana na pecuária ou na formação sociocultural dos Brasis (p.95).

O capítulo convida-nos a pensar na permanência dos problemas no país, ao apresentar a elite maranhense, que busca *modernizar* e *racionalizar* a produção agrícola, modernização conservadora é verdade (p.104). O vetor civilizador no passado e no presente disfarça interesses econômicos do latifúndio e ainda esconde sua face sacrificial. Lemos na página 107, que *o discurso oficial sugere a responsabilidade dos próprios colonos [hoje, diríamos dos trabalhadores do campo] pelo fracasso dos projetos [agrícolas]*,

A relação intrínseca entre escravidão e migração é bem percebida pelo autor, *tal articulação entre as experiências de migração e escravidão permite superar o discurso linear que aponta para uma simples transição do trabalho escravo para o livre no final do século XIX* (p.114).

O terceiro ato, *Nem tudo era seringal: trabalho e colonização na fronteira norte* (p.128-184), volta-se para as Províncias irmãs do Amazonas e do Pará (1870-1880), período no qual se consolida a integração de ambas no projeto modernizador de matriz européia. Insiste, que não se deve olhar na região, apenas, os seringais. O que leva o autor a questionar leituras tradicionais que priorizam a opção pelo seringal e pelo extrativismo. Assim, dá ênfase ao trabalhador urbano em obras e serviços públicos ou colônias agrícolas e as ações de revolta reveladoras da hidra cearense.

Barboza apropria-se e bem da expressão *campo negro* de Flávio Gomes para sinalizar a presença de escravizados (p.149). Apenas para lembrar, Gomes ruraliza a expressão de Sidney Chalhoub, *cidade negra*.⁹

O capítulo deixa claro a importância dos jornais, como *Liberal do Pará, A Constituição*, para acompanhar a implantação das colônias agrícolas e os problemas ocorridos na fronteira norte. Oferece ao leitor, uma citação de Walter Mignolo, chave para acompanhar o movimento analítico do texto: Diz Mignolo: *As identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é matriz racial colonial) e patriarcal*,¹⁰ e o autor completa, *posição que justificava escolhas que deixaram marcas em corpos e memórias de população que estava à margem de projetos eurocêntricos* (p.140).

No quarto e último ato, *Em campos mestiços: transgressões, deslocamentos e abolicionismo* (p.185-224), quer romper o diuturno silêncio com relação à presença africana na Amazônia e resgatar sua contribuição sócio-cultural. Estrutura-se em dois pilares: a invisibilidade de negros/pardos no extremo norte e a circulação de sujeitos, idéias e ações entre 1870 e 1880, contribuindo para a emergência de lutas abolicionistas no Amazonas e Pará. *Nosso esforço persegue apreender melhor a historicidade de culturas dispersas por deslocamentos compulsórios, fosse pelo tráfico de escravos ou as migrações internas, quando seus protagonistas tiveram que recompor suas existências* (p.188)

Ressalto dois pontos, que considero significativos: ter apresentado Benevides como um quilombo abolicionista e ter explorado a temática da criouliização e se apropriado da figura do *migrante nu*,¹¹ proposta por Édouard Glissant, para interpretar as experiências dos migrantes cearenses.

Nesta Neo-américa, a mediação cultural predominante foi a criouliização, característica marcante do encontro/confronto de culturas de matrizes ameríndias, europeias e africanas, percebida como capacidade apresentada por grupos étnicos em diáspora de compor novos elementos culturais a partir de rastros/indícios de tradições, costumes e modos de ser e viver, fragmentados por dominações coloniais e seus desdobramentos (p.188).

Ao ler a relação dos principais mocambos do Pará, e ver Mazagão, lembrei-me do sugestivo livro de Laurent Vidal. *Mazagão. A cidade que atravessou o Atlântico: do Marrocos à Amazônia (1769-1783)*. O livro narra a Odisséia de Mazagão, uma cidade fundada no Marrocos, no século XVI, pelos portugueses, que foi transferida com seus habitantes para Lisboa, em 1729, em seguida para Amazônia. No século XVIII foi devastada por uma epidemia. A festa de São Tiago celebrada na região, ainda hoje, faz memória desta saga.

Alguns ganhos do capítulo: apontar a presença de escravos na Amazônia antes da *era pombalina* (p.189); reconhecer o valor do trabalho realizado por Gilberto Freyre com os anúncios dos jornais sobre os escravos, mas observar que ele não faz referência às possíveis relações

entre escravos e retirantes (p.207); resgatar a importância da *Fronteira Norte* e das alianças étnicas.

Benevides representou um caso exemplar de alianças étnicas. Apontamos nossa lente para as interações entre colonos e escravos, mas poderíamos pensar além. Também houve trocas culturais de colonos nacionais e estrangeiros. Temos indícios para refletir sobre o estabelecimento de espaços de solidariedade transétnicos e transnacionais...(p. 223)

Considerações finais

A palavra *retirante*, empregada pela historiografia para identificar homens e mulheres que abandonam seu território natal para escapar do flagelo da seca, por um lado caracteriza bem os migrantes, por outro os homogeniza. Assim, por um longo tempo passou despercebida dos historiadores a presença de escravizados entre esses retirantes.

Barboza acolheu o desafio de mostrar a presença negra entre esses migrantes (1877-1884), para realizar seu intento levantou inúmeras fontes, fatura que lhe deu a possibilidade de tirá-la da invisibilidade, a que tinha sido relegada..

Tece uma narrativa que busca penetrar na essencialidade do fenômeno, perseguindo explicações e as razões desse silêncio, mas não só, analisa *interferências exercidas por retirantes cearenses na composição de rotas migratórias em direção às províncias do extremo Norte- Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas* (p.4).

Ao longo dos capítulos, mostrou as repercussões das diásporas da população cearense, a efetividade desses cativos ou clandestinos que souberam criar novas possibilidades existenciais, gestadas na troca de experiências e solidariedades. Possibilidades existenciais marcadas por conflitos e alianças étnicas que perturbaram o *status quo* ao reivindicarem a inserção social até então negada .

O autor sintetiza numa linguagem metafórica sua contribuição afirmando que: *vem no sentido de tentar indicar rotas e ler os sentidos das escolhas feitas por migrantes, ao decidir por deslocamentos entre as fronteiras do Norte do Brasil; problematizar os movimentos das hidras aladas, as cabeças cortadas do mostro que, ante os desafios da vida cotidiana, se metamorfoseiam em aves e arribam em direção a novas paragens* (p.226).

A escrita de Barboza é generosa com seus leitores, não desperdiça suas fontes, oferecendo uma abundância de dados, convidando o leitor a constelar e internalizar as informações recebidas, ato gerador de uma nova leitura dos fatos. A *hidra cearense* é, em larga medida uma história social de retirantes, escravizados e pobres livres em decorrência da seca.

*Professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião na PUC-SP.

¹ Tese defendida no dia 24 de maio de 2013, PUC-SP sendo a banca composta pelos professores Maria Antonieta Martines Antonacci (Orientadora), Frederico de Castro Neves, Zélia Lopes da Silva, Ênio José da Costa Brito e Amailton Magno Azevedo.

² BARBOZA, E. H. L., *A hidra cearense. Rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP. Ao longo do texto, as páginas indicadas referem-se ao texto da tese.

³ O conceito é de Mary Louise PRATT: *espaços de encontros coloniais, no qual pessoas geográficas e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinadas*. Cf. M. L. PRATT, *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1998, p. 30-31.

⁴ *Transculturação: conjunto de interações sociais e culturais que propiciam o encontro/confronto de modos de vida*. Cf. E. L. BARBOZA, *A hidra cearense*, p.37.

⁵ Os dois últimos parágrafos têm como base as observações feitas pelo Frederico de Castro Neves ao comentar a tese.

⁶ Cf. P. LINEBAUGH – M. REDIKER, *A hidra de muitas cabeças: Marinheiros, escravos e rebeldes no Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; F. GOMES. *A Hidra e os Pântanos: Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (Séculos XVIII –XIX)*. São Paulo: UNESP, 2005.

⁷ Cf. J. F. MOTTA, *Escravos daqui, dali e de mais além*. O tráfico interno de cativos na expansão cafeeira paulista. São Paulo: Alameda, 2012.

⁸ Cf. G. HORNE, *O sul mais distante, o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁹ Cf. S. CHALHOUB. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁰ Cf. W. MIGNOLO. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *CADERNOS DE LETRAS DA UFF*, (2008), (24) p.290-291.

¹¹ O *migrante nu* para Glissant seria aquele que foi transportado à força para o continente. Cf. E. GLISSANT. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p.17-22.